

cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Setembro 2012 – Nº 239

Meu irmão, Jorge (Michalany)

Douglas Michalany

Com o seu falecimento, ocorrido em 9 de julho último, não perdi apenas meu irmão, mas o companheiro de encontros e conversas culturais, abrindo-se um triste vazio neste encanecido coração. E, cada dia que passa, sinto aumentar a falta daquele homem dotado de tantas qualidades. Inteligente, culto, genioso, polêmico, convicto, pragmático, tempestuoso, intransigente em seus pontos de vista, era realmente uma personalidade invulgar.

Médico, formado em 1942 pela sua tão querida Escola Paulista de Medicina, tornou-se um dos mais respeitados anatomopatologistas não só de São Paulo, mas do Brasil e reconhecido como tal nos Estados Unidos, no Canadá (estágio com Pierre Masson), no México e na Argentina. Poliglota, além do português, com rico vocabulário, falava fluentemente inglês, francês, espanhol, italiano (mais o dialeto napolitano) e latim, língua esquecida, mas de grande importância ainda em nossos dias.



Foi membro atuante, por muitos anos, da Organização Mundial da Saúde, acadêmico, professor titular da Escola Paulista de Medicina até entrar na compulsória. Dizia, com acerto, que a Inglaterra perdeu seu império mas impôs o império da língua inglesa, hoje universal, como fora o latim em tempos idos.

Ademais, suas outras qualidades foram inúmeras: dotado de rico conhecimento humanístico, discorria com naturalidade sobre Alexandre, César, Napoleão, Churchill, Rommel, Patton, De Gaulle e outros grandes vultos. Acompanhava dia a dia os acontecimentos mundiais, bem como enriquecia cada vez mais seus conhecimentos sobre o Império Romano, a herança da Grécia Antiga, a tríade filosófica (Sócrates, Platão e Aristóteles), os povos inglês e alemão, a I Guerra Mundial, a II Guerra Mundial, a resistência soviética ante os exércitos nazistas, etc. E, interessante, gostava de box, admirando as figuras de Jack

Dempsey, Joe Louis, Cassius Clay, o invicto ítalo-americano Rock Marciano e Eder Jofre.

Abrangente na sensibilidade musical, dotado de excelente voz de tenor, mostrava-se profundo conhecedor de quase todas as óperas, dando, porém, sua preferência a “Rigoletto”, do genial Verdi. Considerava Enrico Caruso o maior tenor de todos os tempos, sem esquecer logo em seguida do saudoso Pavarotti, a quem ouviu inúmeras vezes no Metropolitan House. Sua coleção de CDs de óperas constitui extraordinário acervo, que merecidamente deve ser preservado por seus filhos Omar e Nílceo. E, na música popular, as canções napolitanas enchiam seu coração de alegria, pois, nas horas de repouso, sempre as cantarolava. Apreciava a arte cinematográfica, sendo seus astros prediletos Charles Chaplin e Charles Laughton (“Testemunha de Acusação”).

Como escritor, mostrou-se excelente cronista, através dos cinco volumes de sua lavra “Fatos Pitorescos na Vida de um Médico Paulistano”, com narrações engraçadas, memórias de sua época, experiências vividas, representando riquíssimo relicário da São Paulo de outrora. Incansável no labor, escreveu diversas obras e dezenas de artigos sobre Medicina e, já no apagar de sua profícua existência, ainda lançou na Associação Paulista de Medicina seu último livro, “Olho Clínico x Erro Médico”, homenageando, como sempre fazia, nosso dileto pai, Nagib Faris Michalany, competente profissional que marcou época em São Paulo, entre 1912 e 1946, como médico, operador, parteiro. Imitava no falar com perfeição os sotaques dos sírios, libaneses, judeus, portugueses e alemães.

Não bastasse, tendo vultoso e riquíssimo patrimônio nas áreas médicas e humanísticas, doou e fundou o Museu de História da Medicina, na Associação Paulista de Medicina, com visitação pública e enriquecido com outras doações, inclusive minhas, dispondo todo o material que eu tinha da Revolução de 9 de julho de 1932. Foi curador do Museu até o último dia de sua nobre existência. Politicamente, era monarquista e grande admirador do Imperador Dom Pedro II.

Paulista convicto e ardoroso, defensor intransigente dos fastos e feitos da gloriosa Terra Bandeirante, sempre defendeu com exaltação e orgulho a grandeza de nossa gente, estando presente como cabo-enfermeiro na épica Revolução Constitucionalista de 9 de julho de 1932 e tornando-se o comandan-

te, como manda a tradição, chefe das Forças Constitucionistas no período 2010-2011, desfilando orgulhosamente nessa data comemorativa.

Fazia questão (já o dizia) de ser enterrado levando em seu peito os distintivos e comendas recebidas por seus feitos em prol de São Paulo de Piratininga, os quais sempre ostentou envaidecidamente em jornadas, solenidades, palestras e conferências, durante sua gloriosa e imortal existência. E, sendo um predestinado, veio a falecer na sua data querida, justamente dia 9 de julho!

Do seu sempre irmão,

Douglas Michalany

24 de agosto de 2012

(quando completaria 96 anos de idade)

Douglas Michalany

Presidente Emérito da Academia Paulista de História

Paraquedista de gabinete

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Paraquedista: pessoa que se aproveita de qualquer negligência para colher alguma vantagem. Consideramos adequado mencionar que o descuido e o proveito podem ser de diversos tipos.

Gabinete: local reservado para funcionários superiores ou para certas funções. Entendemos que funcionários superiores ou funções podem ser de diversos tipos.

Essa introdução, acreditamos, facilita entender bem por que o Zaqueu é exemplo de cidadão que merece a qualificação explicitada no título. Conhecemos a figura há vários anos.

Antes de citar fatos especificamente relacionados ao Zaqueu, lembramos que personagens encaixáveis no rótulo são comuns no Brasil, causando inconvenientes, porquanto impedem progressos desejáveis, habitualmente não revelam criatividade e deixam de cumprir bons programas para que ocorram avanços. É curioso que o salário corresponde ao objetivo maior, e a manutenção de *status* discutível vai sustentando a situação. *Zaqueu boys* e companheiros de facção política alimentam a configuração nem sempre justa de competência.

Conhecemos um paraquedista típico que se preparou para atuar como clínico referente às doenças infecciosas e parasitárias. Todavia, muito provavelmente em virtude do prestígio de algum “importantão” ligado ao partido do qual fazia parte, obteve cargo no Ministério da Saúde. Aí ganhou diversificadas tarefas para, sem dúvida, continuar mantendo o ritmo costumeiro; esteve nos seguintes setores: portos, aeroportos e fronteiras; doença de Chagas; hemoterapia. É assim que os adeptos da modalidade em questão fazem. O Zaqueu é um dos membros.

Voltando a falar nele, contaremos o que houve com o sujeito inspirador desta história. Pululou ardentemente e, para caracterizar a compostura adotada, especificaremos certas andanças. Foi executivo de hospital público, sócio de firma dedicada à administração de nosocômios, ocupou cargos no contexto da saúde pública e assessorou indústrias farmacêuticas. Genial sabichão. Jogador em várias posições. Porém, surgiu o fim previsível

para oportunistas de tal categoria. Em repartição com o encargo de efetuar vigilância sanitária, recebeu a tarefa de preparar relatório acerca do antibiótico penicilina benzatina, antigo e na fase rotineira de revalidação de licença para comercialização. Fez, sem ouvir a opinião de especialistas, o documento, que se espalhou, atingindo inclusive a mídia. Problema sério em cena. O medicamento não é usável pela via endovenosa, como o Zaqueu indicou. Erro grosseiro. Efeitos adversos esperáveis e de intensidades variadas. Farmacêuticos, médicos e outros profissionais protestaram e rebelaram-se. Pacientes, familiares e gente revoltada pediram punição e ressarcimentos. A dimensão dos danos e as gravidades nunca apareceram de forma clara. Logicamente, demitiram o inábil.

O paraquedista aterrissou desastrosamente.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak
Médicos e professores universitários

Disponível em: <<http://www.kboing.com.br/papeldeparede/>>



Bernardino de Campos deformado

Fábio Leite Vichi

Ele, de nome Manuel, tendo terminado o curso médio, dirigiu-se para São Paulo, sede da Universidade de São Paulo, considerada a melhor do País. Estava intencionado a estudar História, matéria que sempre o fascinara. Não foi muito difícil vencer o exame vestibular. Aprovado, sentiu-se um vencedor e pronto para um percurso de alguns anos, quando teria oportunidade de adentrar, com as exatidões científicas possíveis, no misterioso mundo de fatos e personagens de tempos idos.

Passou a morar em pensão próxima da faculdade e encontrou uma constelação de futuros amigos. Recebia um auxílio paterno, o que em muito o desapontava. Na busca de um emprego, foi aquinhoadado com posição de um dos revisores de jornal paulistano, o que muito o alegrou e passou a parcialmente ajudá-lo em seu sustento. Com segurança, viu o tempo passar e o dia da graduação chegar e também passar.

Não de todo satisfeito com o que já obterá, passou a aspirar a um curso de pós-graduação que a escola oferecia. Não foi muito difícil ser aceito. O curso era estipulado para dois anos de duração e culminaria com a confecção por escrito de uma tese, que deveria ser defendida perante uma douta banca e por ela aprovada. A coleta de material deveria ser iniciada e desenvolvida concomitantemente com o curso.

Partiu em busca de assunto e, para isso, contou com o inestimável auxílio de seu orientador. Sugeriu ele que o orientando esmiuçasse aspectos ainda inéditos da vida de Bernardino de Campos, já falecido, um notável político brasileiro que de várias formas tornou-se um personagem histórico. À guisa de esclarecimento, informou ao subordinado que ele desenvolvera atividades políticas no Estado de São Paulo, com grandes repercussões nacionais, e que por muitos anos residira na cidade de Amparo. Certamente ainda encontraria na urbe vestígios de sua passagem por lá. Sabia ainda que a cidade ostentava um rico museu que tinha o seu nome e que os habitantes chamavam de forma bem carinhosa de “Casa de Bernardino de Campos”.

Certo dia, bem pela manhã, dirigiu-se a Amparo, que não se situava muito distante da capital. Viajou de ônibus e imerso em conjecturas. A região e a urbe foram gratas surpresas. Na cidade, soprava uma brisa amena e perfumada. Na estação rodoviária, tomou um táxi com um motorista falante e que, como a maioria deles, parecia ser o dono da verdade. Com ele, iniciou o diálogo:

— O senhor conhece a “Casa de Bernardino de Campos”? Preciso chegar lá!

— Conheço a casa e ele também. Eu o vejo quase todos os dias caminhando pelas ruas. É muito popular e contador de casos. Creio que esteve numa guerra que aconteceu pelas bandas da Itália. Por certo tempo, também foi motorista de praça. Acho que ficou muito rico com o casamento. Mora em uma grande casa, que me parece ser também um museu, lugar em que se guardam velharias. O Bernardino é fanático por futebol e também pela política. Chegou a jogar futebol e era jogador bruto e indisciplinado. Em política, é quase que apaixonado pelo Adhemar de Barros. Vai a comícios e carrega bandeiras. Diga-me uma coisa, o senhor trabalha em qual profissão?

— Sou professor! É minha primeira viagem a Amparo. Estou gostando muito. Percebi que o senhor conhece bastante sobre fatos da cidade e personagens que nela moraram. Sei hoje que é uma cidade em que fatos curiosos se passaram. Caso eu encontre o Bernardino de Campos, muito poderei aprender. Tudo vai depender das disposições dele. Diga-me, ele tem alguma profissão? O que faz na vida?

— Acho que ele é um aposentado. Mas não sei o que ele fazia antes. O senhor sabe que aposentado é o que mais dá por aqui! Há muitos idosos em Amparo!

— É cidade também antiga, não é?

— É, mais ou menos. Note o jeito das igrejas, imponentes e antigas. Aliás, nunca vi o Bernardino de Campos adentrar um templo. Ele bem que pode ser ateu. Mais alguns quarteirões e chegaremos à casa dele! Perto da residência, há o jardim público da cidade. Ouvi dizer que ele gosta muito de plantas, pode ser que esteja por lá. A casa é esta. Grande, não é?

— Parece um palácio! É suntuosa e bem conservada.

— Deixo o senhor lá. Terminando o que deve fazer, se quiser voltar comigo, deixo o número de meu telefone. O senhor teve sorte. Ele está em casa.

— Como o senhor sabe?

— As luzes estão acessas!

Fábio Leite Vichi

Ex-aluno e docente aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

O Castelhinho da Avenida Brigadeiro Luís Antônio

Nelson Di Francesco



Disponível em: <Gatices.wordpress.com>.

Localizado na Avenida Brigadeiro Luís Antônio nº 826, bairro da Bela Vista, em terreno de 1.200m², sendo 476m² de área construída, foi projetado em 1909 pelo arquiteto italiano Giuseppe Sacchetti, ocupando, à época, uma das áreas nobres da cidade, junto a outras requintadas residências. Morar ali era sinônimo de prestígio.

Seu primeiro proprietário, o médico, escritor e teatrólogo Cláudio Justiniano de Souza (1876-1954), foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras e diretor da Sociedade Mútua Economizadora Paulista (uma caixa de pensões vitalí-

cias, com o objetivo, entre outros, de construir e alugar casas para trabalhadores de diferentes indústrias, principalmente para os imigrantes italianos).

Construído em alvenaria de tijolos, possui fachada composta por vários volumes cilíndricos que se interpenetram, constituindo-se um deles em pequena torre com cobertura cônica, assemelhando-se a um minarete em estilo árabe.

“Particularmente surpreendente é o coroamento da residência, com um terraço descoberto e dois torreões, sendo



Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/luizcasimiro/4173612193/>>.

um cônico e outro bulboso e vazado, arrematado por uma agulha. O tratamento da superfície é rico em ornatos” (cf. Benedito Lima de Toledo, in: *São Paulo: três cidades em um século* — Cosac Naify, 1980).

O imóvel foi tombado em 1984 pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo), por ser de interesse arquitetônico de raro exemplar residencial remanescente da arquitetura eclética do início do século XX, sob a influência do estilo *art nouveau*.

Adquirido pelo INSS em 1975 e após décadas de abandono, servindo até como abrigo para sem-tetos, o “castelinho”, como é popularmente conhecido, passou por um grande processo de restauro durante cerca de dois anos (localizar na Prefeitura a planta original foi uma das primeiras dificuldades).

Algumas surpresas foram surgindo no decorrer da obra, como a descoberta de um emblema próximo à entrada, com a inscrição “Villa Luisa”, em homenagem à esposa do proprietário.

Com um custo estimado em 2 milhões de reais, bancado pela Cia. Mofarrej de Empreendimentos, sua atual proprietária, o “castelinho” readquiriu o esplendor inicial, possuindo área verde bem cuidada, que compõe o seu paisagismo, e atraindo olhares dos transeuntes na região.

Surgem empresas interessadas em alugar o imóvel, entretanto o valor do aluguel e dos impostos pode ser considerado alto, dificultando o negócio. Atualmente, é alugado para eventos culturais empresariais de curta duração.

A pesquisa complementar sobre a existência, ou não, de lendas envolvendo o castelo e seus antigos ocupantes deixa a critério do leitor.

O coveiro asmático

Evandro Guimarães de Sousa

Eu estava atendendo em meu consultório, numa tarde do mês de junho do ano 2000, quando entrou na sala um senhor muito simpático, com sotaque nordestino, apresentando muita falta de ar e chiados no peito.

Com alguma dificuldade, conseguiu falar que apresentava bronquite desde que viera do Nordeste para a nossa região e que piorara muito no tempo em que trabalhara na coleta de lixo.

Na época, exercia a função de coveiro no cemitério da nossa cidade e, por ser muito alérgico, apresentava crises toda vez que acontecia um sepultamento, devido ao contato com flores ou ao exercício feito quando abria uma cova. Além disso, o cheiro das velas acesas, a presença do mofo, tudo, enfim, constituíam situações que pioravam seus problemas respiratórios.

Carregava sempre consigo seu aparelho de aerossol, que utilizava várias vezes ao dia, para alívio de seus sintomas.

Depois de examiná-lo, usei medicamentos broncodilatadores por inalação, o que melhorou a falta de ar apresentada.

Mais animado, contou-me as dificuldades financeiras pelas quais tinha passado desde criança, quando vivia numa

pequena cidade do Nordeste, até sua vinda para cá. Relatou, inclusive, que só veio me consultar porque possuía um plano de saúde.

Quando perguntei se tinha condições de comprar os medicamentos, quase entrou em crise de novo. Desesperado, disse-me: “Doutor, sou muito pobre, minha esposa sofre dos nervos, meu filho se queimou com água quente da panela, minha sogra sofre de espinhela caída, meu sobrinho foi atropelado e está com a perna engessada. Não tenho dinheiro para nada?”.

Diante da negativa, procurei acalmá-lo e forneci-lhe algumas amostras grátis. Porém, como havia necessidade do uso de corticoides, fiz o pedido na farmácia próxima e, naturalmente, paguei o medicamento.

Aí ele ficou muito falante, elogiando-me o tempo todo, afirmando que eu era o melhor médico do mundo, “Deus no céu e eu na terra”, e assim por diante.

Lá pelas tantas, ele me perguntou: “Doutor, o senhor tem parentes no cemitério?” Eu disse que sim e em que local estavam enterrados.



Ele não se conteve e exclamou: “Doutor, nunca ninguém me atendeu assim, ganhei até remédio. Pode deixar que vou lavar o túmulo, vou aguar as flores, vou varrer o passeio, o senhor vai ver”.

Confesso que fiquei até emocionado com o reconhecimento do meu trabalho por parte do cliente. Porém, em seguida, ele acrescentou: “Vou cobrar bem baratinho, pode contar comigo”.

Para finalizar a conversa, disse que eu iria, qualquer dia desses, ao cemitério e que lá combinaria com ele esses detalhes.

Na saída, recomendou-me: “Doutor, lá no cemitério tem muito funcionário que se chama João, moreninho assim como eu, então o senhor pode se enganar. Quando chegar, procure pelo Tupaciguara que todo mundo me conhece, ‘num’ tem erro!”

Pensei logo: “que classe mais desunida”; ele estava com receio que eu contratasse outro para o serviço.

Quando abri a porta do consultório e me despedi do Sr. João, ele não se conformou e afirmou: “Doutor, estou muito satisfeito com a consulta, pode ficar tranquilo que eu vou zelar direitinho. Não precisa ficar preocupado: quando o senhor partir desta pra melhor, eu vou continuar tomando conta do seu túmulo”.

Agradei, sensibilizado, pela oferta, apesar de não ter planos, no momento, de uma transferência imediata para o outro mundo.

Pensando bem, qualquer dia desses, vou lá no cemitério, quem sabe combino com o João. Afinal de contas, nunca se sabe como será o dia de amanhã!

Evandro Guimarães de Sousa
Pneumologista em São Paulo

Andante cantabile

Antonio J. Amadi

Que belas as serras de matas virentes,
de ocultas nascentes em vales sem par,
onde regatos, trilhando suas rotas,
deslizam pacatos no fundo das grotas
em busca do mar...

Ali beija-flores, nas ricas floradas,
no seio das flores carmins e douradas,
do néctar dulçores vão ágeis sugar...
No chão das clareiras, sutis borboletas,
em duplas, ligeiras, em mil piruetas
vão juntas pousar...

Nas altas ramagens,
sabiá em vigília,
sondando paisagens,
com outros partilha
plangente flautar...
Em troncos nas matas,
cigarras infrenes,
ao som das cascatas,
com trilos, sirenes,
só fazem escarcéu,
e insetos em bando,
zunindo,
bailando,
vagueiam
ao léu,
velozes
no céu...

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.